

---

## REFLEXOS SOCIAIS DE UMA (PALIATIVA) EXPULSÃO DA DOR REFLEJOS SOCIALES DE UNA EXPULSIÓN (PALIATIVA) DEL DOLOR SOCIAL REFLEXES OF A (PALLIATIVE) EXPULSION OF PAIN

Obra de referência: HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa**: a dor hoje. Petrópolis: Editora Vozes, 2021. 115 páginas, ISBN 978-65-5713-002-5

Greice Martins Gomes<sup>1</sup>  
Ney Roberto Vátimo Bruck<sup>2</sup>

Esta é uma resenha do livro *A Sociedade Paliativa: a dor de hoje*, publicado em 2021 e escrito por Byung-Chul Han (1959) filósofo sul-coreano, professor da Universidade de Berlim e autor de ensaios e críticas sobre a sociedade de nossos dias. Essa obra pode ser compreendida como uma continuidade das reflexões contidas em outros livros do autor, com destaque, *Sociedade do Cansaço* (2015) e *Sociedade da Transparência* (2017) e *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018). Dividida em onze capítulos, tem como tema central nossa relação com a dor e como isso nos afeta em termos interpessoais e políticos.

Han (2021) inicia sua obra nos falando sobre a algofobia, a saber, uma sensação de angústia generalizada diante da dor. Ela seria o reflexo de *uma mudança paradigmática em nossa sociedade sob a qual somos levados a uma busca incessante pela positividade*. A dor, seja ela física ou moral, neste contexto, é vista como uma negatividade. Disso surge o que Han (2021) vai chamar de uma sociedade paliativa. Nela, a dor ao significar uma fraqueza pessoal,

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Doutoranda no programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA /EA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), graduado em Filosofia (UFRGS), Mestre em Educação (UFRGS), Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Pós-doutor pela Universidade de Coimbra (UC).

deve ser paliativamente anestesiada, ocultada - o que é colocado a cabo por meio da otimização do desempenho individual.

Nesta conjuntura passamos a ver o conflito e a controvérsia como formas de confrontação [que causam dor] dando-lhes cada vez menos espaço social. Isso leva a uma coação por conformidade, uma pressão por consenso. Um dos reflexos disso é que deixamos de debater e de lutar pelos melhores argumentos e nos entregamos a compulsão do sistema. Uma sociedade paliativa é, portanto, aquela que foge do negativo e, ao ancorar-se ao positivo, reproduz o igual. De modo que no seu fundamento está uma construção social que nos faz ser e “persistir em formas iguais” de existência social (p. 81).

Ademais, a dor é uma formação cultural complexa e seu significado social depende das formas de dominação. Nas sociedades pré-modernas o martírio era algo que servia como meio de dominação. Através dele, a encenação ostentosa da dor estabilizava-a. Já na passagem para a sociedade disciplinar a relação com a dor se transforma. Em Vigiar e Punir, por exemplo, “Foucault aponta que a sociedade disciplinar insere a dor de forma discreta” (p. 21). Nela não há mais punições imediatamente físicas porque o poder disciplinar fabrica corpos disciplinados como meio de produção. Em nosso tempo, pós-industrial, surge um novo sujeito, o “sujeito do desempenho” que se distingue do sujeito disciplinar (p. 26). *Agora as negatividades, proibições ou punições dão lugar a positividades como motivação, auto-otimização ou autorrealização.* Os espaços disciplinares, hoje, são substituídos por zonas de bem-estar e a nova fórmula ‘seja feliz’ se torna a essência da dominação neoliberal atual. Como uma nova forma de capital [o capital positivo], a felicidade surge como aquilo que garante a capacidade de desempenho de forma ininterrupta por parte dos sujeitos.

Uma marca fundamental da experiência de dor é que ela é, atualmente, percebida como desprovida de sentido; ela se posta fora de uma ordem simbólica à medida que deixa de ser compreendida como um ato emancipatório que nos livraria de coações. Ao passo que esta sociedade, que busca desesperadamente pela positividade, despolitiza a dor ao privatizá-la.

A dor perde, nesse contexto, sua dimensão social, capacitadora de mudanças. A sociedade paliativa individualiza as pessoas ao invés de ligá-la a um Nós. Ou seja, o *dispositivo da felicidade individualiza o ser humano e leva a dessolidarização da sociedade*. Isso porque cada um de nós deve cuidar de sua própria felicidade, garanti-la; ela se torna um assunto privado e não coletivo. O sofrimento é interpretado como resultado de um fracasso pessoal - ao invés de revolução temos, hoje, depressão. Em um contexto em que somos compelidos a curar nossa própria alma (deprimida) perdemos de vista os contextos sociais mais amplos que levam a rejeição de formas sociais arbitrárias. Pois, o que move toda forma de revolução é justamente a dor sentida em comum.

O regime neoliberal atual realiza tal empreendimento tornando-se ainda mais invisível que o poder disciplinar, agora ele o faz passando-se por liberdade e tornando a psique uma força produtiva. Aqui, a vigilância, que marca o poder disciplinar, adquire uma outra forma. A vigilância está, agora, no que nos é requerido como forma de comunicar nossos desejos e nossas preferências, somos compelidos a recorrentemente narrar nossas vidas. Onde liberdade e vigilância (de e para se auto-expor) se tornam indistinguíveis. Somos, portanto, levados a uma falsa ideia de liberdade. À medida que vivemos permanentemente conduzidos por plataformas digitais, nossos pensamentos, sentimentos e intenções são lidos e explorados. Somos “conduzidos como marionetes por fios algorítmicos” (p. 110) o que torna o comportamento humano programável, entendendo isso como liberdade<sup>3</sup>.

Entregamos nossos dados pessoais mais íntimos não mais por coação, mas por carência interna e, por ela, expomos a nós mesmos. A dominação se consuma nesse exato momento em que ela parece coincidir com liberdade. Nesse contexto, a comunicação sem limites - como expressão de liberdade - inverte-se em uma vigilância total. Adentramos uma ditadura interna, a saber, um regime de controle interno. Vivemos uma ditadura que coincide com vigilância e que, atualmente, não é mais percebida como opressão.

Esse é um cenário em que a automotivação e auto-otimização, exigências para nos mostrarmos/fazermos positivos, fazem o dispositivo da felicidade neoliberal muito eficiente,

<sup>3</sup> Para mais detalhes ver também Han (2017) Sociedade da transparência.

pois a dominação é exercida sem muito esforço e o submetido nem sequer tem consciência de sua submissão. *Aqui o sujeito se julga livre, não vê nenhuma forma de coação, mas a sua liberdade é, justamente, a liberdade de explorar a si mesmo.* Ao passo que a liberdade não é reprimida, ela é explorada como um recurso.

Esse excesso de positividade é uma forma de violência que se manifesta em uma busca incessante pelo hiperdesempenho, hipercomunicação, hiperestimulação. A violência da positividade leva a dores de sobrecarga<sup>4</sup>. O sujeito do desempenho comete violência contra si próprio, ele explora a si mesmo voluntariamente até que ele mesmo desmorone.

Atualmente, um crescente comportamento autoagressivo pode ser compreendido como uma tentativa desesperada do eu narcísico de se assegurar de si mesmo, de se (auto)perceber. Isso porque a dor acentua nossa autopercepção. E, sem nos autopercebermos, não somos capazes de perceber o/os outro/os ao nosso redor. O resultado disso é uma perda de empatia em que ou outro desaparece. *A sensibilidade com/para o outro pressupõe uma vulnerabilidade, incompatível com o sujeito do desempenho que não pode ser afetado e exposto a dor.*

A dor (com o outro) é algo perdido para nós. E sem acesso a dor ‘com’ o outro não temos acesso a dor ‘do’ outro. Disso surge um dos problemas de evitarmos a dor, a todo custo, pois “a dor é o rasgo por meio do qual o inteiramente outro tem entrada” (p. 18). Isso significa que a dor abre espaço para o outro. E, à medida que abrimos espaço para a (negatividade) do/s outro/s não conseguimos tecer uma contranarrativa frente a ordem dominante.

O objetivo, no cerne de todo esse transhumanismo, é deixar o humano para trás. A vida sem dor e com felicidade permanente não será mais humana, pois a vida que persegue e expulsa a sua dor suspende a si mesma. A morte e a dor são inseparáveis e quem deseja elimina-la terá também que acabar com a morte. Todavia uma vida sem dor e sem morte não é uma vida humana. É um contexto em que o humano, que há em nós, se desfaz. Oportuno refletir, por fim, que *nesta ‘nova’ forma de nos relacionarmos socialmente, “justamente o*

---

<sup>4</sup> Para mais detalhes ver também Han (2015) Sociedade do cansaço.

*populismo de direita e a autocracia têm, atualmente, influência massiva*” (p. 108) [algo não muito distante do que vemos em nosso cenário nacional vigente].

A seguir, na tabela 1, é apresentado um quadro resumido de alguns significados e significantes relevantes a discussão proposta pelo autor.

Tabela 1: Significados e Significantes

<b>Significante</b>	<b>Significado</b>
<b>Dor<sup>5</sup></b>	É vista como negatividade, deve ser evitada.
<b>Positividade</b>	É o oposto da negatividade, deve ser buscada.
<b>O sujeito</b>	É o sujeito do ‘desempenho’.
<b>Desempenho (otimizado)</b>	É o meio como se produz positividade.
<b>Negatividades, proibições ou punições</b>	Dão lugar a ‘positividades’ tais como motivação, auto-otimização ou autorrealização.
<b>Positividades</b>	Tornam-se sinônimo de liberdade.
<b>Liberdade</b>	É explorar a si mesmo voluntaria e incessantemente.
<b>Fórmula de Dominação (neoliberal)</b>	‘Seja feliz’
<b>Forma de capital</b>	Felicidade. É ela que garante o desempenho ininterrupto.
<b>Reflexos de uma Sociedade paliativa</b>	O humano em nós se desfaz. Com isso abrem-se espaços para sistemas antidemocráticos.

Fonte: Elaboração própria com base em Han (2021).

<sup>5</sup> E aqui podemos entender qualquer tipo de dor. Seja ela física ou moral, seja ela uma confrontação com o outro ou mesmo com outras ideias que possam minimamente nos causar alguma sensação dolorosa.

Concluimos essa resenha com uma reflexão sobre como o medo e seus reflexos permeiam as diferentes interfaces de nossas realidades organizacionais. Partimos da perspectiva que mudanças de paradigma, como o que Han (2021) reconhece como uma busca incessante pela positividade, são questões atuais às quais cabem a nós, em nosso tempo, darmos conta sobre os desafios sociais e individuais que disso reverberam. Pois, quando conflito e controvérsia, aspectos fundamentais de nossa vida dentro de organizações, são vistos com aquilo que causam dor, e sobre o que devemos reduzir seu espaço social, abrimos caminho para um ambiente baseado em uma deletéria coação por conformidade. Esses são aspectos, que dizem respeito às mudanças no próprio sistema capitalista e que produzem aquilo que o autor vai chamar de uma nova forma de capital, o capital positivo, criando-se, assim, novos padrões de dominação. Cenário em que a injunção 'seja feliz' surge com um fator garantidor de desempenho ininterrupto por parte de cada um de nós e que, ao fim e ao cabo, nos acomete com mais dor: dores de sobrecarga. Para finalizar, entendemos que, como estudiosos críticos das organizações, temos contribuições para dar quanto a movimentos que sejam favoráveis a transformações sociais orientadas por valores de solidariedade, cooperação e baseadas em perspectivas humanistas (THIOLLENT, 2014) da mesma forma, consideramos que cabe a nós criticar formas que se afastem desses mesmos valores e sejam baseadas em perspectivas, nas palavras de Han (2021), transhumanistas de nos relacionarmos nas mais diversas formas de organização das quais fazemos parte socialmente.

## REFERÊNCIAS

- HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa**: a dor hoje. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2015.
- THIOLLENT, Michel. Estudos organizacionais: possível quadro referencial e interfaces. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2014.

**Submetido em 10/12/2021**  
**Aprovado em 10/01/2022**